



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 30-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
End. telegr. Tolhoba—Lisboa • Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

## A EDUCAÇÃO REPUBLICANA

Quem é pobre não pode aspirar a educar-se convenientemente. Não somos nós unicamente que o dizemos. Disseram-nos também, nos tempos já esquecidos da propaganda, os republicanos que há dez anos estão no poder. Esses paladins da liberdade, esses preconizadores da educação livre, que exaltaram a educação livre, que empregaram frases de Kropotkin para arrastarem atrás de si uma multidão sedenta de instrução e liberdade, faliram completamente não só no que respeita às grandes reformas económicas, que se propuseram efectuar, como às grandes inovações da escola, berço da felicidade e civilização dos povos.

Era necessário cuidar do homem desde a infância até à decrepitude; urgia ampará-lo na vida, criando-lhe facilidades de alimentação, de trabalho e de educação. Tudo isto viram os republicanos no tempo da monarquia; tudo isto apontaram ao povo, para que ele passasse em armas e corresse a vilagem reacção e jesuita, interessada na eterna estupidez popular.

E o povo, animado, excitado por um grande ideal de libertação e de progresso, empunhou eficientemente as armas e derrubou, para já mais se levantar, o regime monárquico, que apenas servia de impedimento ao seu desenvolvimento.

A república veio, trazendo consigo projectos, muitos projectos; mas bem depressa os esqueceram—porque, não tendo o modificado profundamente as instituições, deixando-as com a mesma estrutura desmoralizadora e para os que com elas colaboravam e para os que suportavam as mesmas tiranias, acrescentadas de mais algumas centenas de novos egoísmos e ambições—ela via-se obrigada, pela pressão da casta dominante, não só dentro da monarquia como ainda mais na própria república, a burguesia, a furtar incessantemente a luz que iluminasse os espíritos e condenasse a grande mentira social que é o regime republicano.

Por isso em vez de se preocupar com a educação do povo, a república cuidou apenas em embute-lo para que quando ele, numa instintiva revolta, proclamasse o seu incontestável direito à vida livre, lhe objectasse que ainda não estava educado para se governar a si próprio.

O ambiente que rodeia o pobre, desde que ele nasce até que cai de fôrma na vala comum, é sempre propício a manter-lhe ou a aumentar-lhe a ignorância. Inconscientemente, a mãe é o primeiro factor que contribui, dum modo lamentável, para a ignorância do povo. Ela, apesar de todos os dissêmos, de todos os carinhos, não está isenta dos defeitos duma sociedade mal organizada. Ela não aprendeu a ler, é geralmente religiosa e em vez de ideias possui dogmas no cérebro; se sabe ler um pouco, o *Santo*, dá-lhe folhetins imorais, notícias de facadas entre prostitutas e chulos, para entreter o espírito. Não conhece uma palavra sobre higiene, nem tampouco sabe que ela existe; o padre ensina-lhe a dizer «não furtarás» e ao mesmo tempo que lhe aponta, como moral, o furto do comerciante, recomendando-lhe a obediência aos que tem dinheiro e a submissão a tudo quanto venha de cima, quer do reino dos céus, quer do reino dos homens. É, portanto, isto e nada mais—porque nada mais conhece—que ela transmite ao cérebro do filho.

A criança cresce e, por que já vai fazendo despesas que o lar não aguenta e comendo o pão que a família mal pode ganhar, atira-na para a oficina, onde mal e porocamente lhe ensinam um ofício. A oficina cansa-lhe o corpo e rouba-lhe o tempo para desenvolver o físico e o intelecto. Se o trabalho é violento, estupidifica-a, tira-lhe o gosto pelos prazeres espirituais, torna-a boçal, violenta. No entanto, há quasi sempre uma necessidade instintiva de empregar energia em qualquer coisa que não seja o trabalho da oficina. Fechadas as escolas, abertas algumas sem ambiente agradável, o Estado abre as portas da taberna, onde o desgraçado vai procurar no vinho a felicidade que o trabalho não dá.

Até esta idade, apesar de duas escolas insalubres que por aí existem, e que o pequeno pobre não pode frequentar, porquanto tem de ganhar o seu sustento, nunca o Estado se preocupou com o jovem, embora tão meticuloso seja em registrar o nascimento. Porém, depois de dezanove anos de existência amarga, trabalhosa e pesada, o Estado lembra-se, lembra-se que anda por um rapaz, que lhe pode ser útil e chama-o às fileiras!

A caserna! Talvez alguns dos leitores não acreditem, mas a caserna é a verdadeira escola republicana, retinamente republicana. O Estado, que não tem verba para dotar largamente as escolas móveis de João de Deus, alguma coisa de útil que por aí há, que não possui um cétil para fundar escolas no tipo da escola-officina n.º 1, que nem mesmo essa auxilia como devia, dispõe de quantias fantásticas para espalhar casernas por todos os cantos da capital, para erguer casernas nas vilas e cidades da província. O Estado arruina-se, arruina o povo para manter sempre, eternamente, em nome da nação espoliada, em nome do povo ignorante, uma infinidade de quartéis sujos, naseabundos.

E ali que está a verdadeira educação republicana. Se 25 % da população sabe ler, em compensação os restantes 75 % passaram pela grande escola do embrutecimento, estiveram na vida militar e são analfabetos. Ao analfabeto que enverga uma farda e assassina os seus semelhantes (tanto faz que seja pai como irmão) chama-se glorioso membro do exército, heróico soldado da república. Aquele que a custa de mil sacrifícios consegue decifrar os caracteres negros dum jornal ou dum livro, não se liga importância, e se lhe pede oito horas de trabalho para dedicar duas ou três ao aperfeiçoamento intelectual, agarra-se em meia dúzia de produtores fardados, que deixaram de produzir no campo ou na oficina, lançam-se sobre o trabalhador consciente que segundo o Estado, o Comércio e a Indústria clamam nos seus jornais—não quer trabalhar, não quer produzir, quando a época é de trabalho e produção.

Alguns meses ou anos de exército são a única educação daquele que primeiro foi perniciosamente influenciado pela mãe inconsciente e em seguida embrutecido pelo trabalho manual esgotante. Uma vez na caserna, educam-no, isto é, tornam-no mais submisso, mais velhaco, dentro da sua ignorância. Metem-lhe velharias patrióticas no cérebro e ensinam-no a matar sem saber porque; obrigam-no a cultivar a obediência cega em nome dum dever e não lhe permitem presenciar se esse dever é racional e lógico; fazem-lhe perder o amor ao trabalho a que já estava habituado e acostumam-no à imundície; castigam-no se ele se permite fazer francamente, cara a cara, alguma objecção às ordens superiores e não se importam que, às escondidas, as faça a seu bel-prazer, tornando-o hipócrita. E depois de alguns anos de adaptação a esta vida ideal, mandam-no em liberdade, esquecem-no novamente.

Aqui tendes o homem educado pelo sistema republicano. Aqui tendes a educação ampla e livre que os tais propagandistas apregoavam no tempo da monarquia! Em que difere a educação republicana da educação monárquica? Não são os processos perfeitamente idênticos? Uma diferença existe apenas: no regime monárquico mantinha-se a ignorância em nome do rei, em nome da monarquia; hoje mantém-se em nome da vida ideal, mandam-no em liberdade, esquecem-no novamente.

Qual o homem que aos 22 ou 23 anos, depois de educado por este sistema, possui vontade de voltar novamente ao trabalho árduo, junto duma máquina ou empunhando a rabiga dum arado? Quem é que pode resistir, durante o tempo em que o moral do indivíduo se forma, a um ambiente assim? Que espécie de homens vem depois a formar a sociedade?

O número infinito dos alcoólicos, *souteneurs*, vadios, mendigos profissionais, gatinhos, epiléticos, assassinos, loucos, sífilíticos, aumentará!

E é ironia—o Estado burguês, sendo o único responsável, o único culpado do desenvolvimento inconcebível destas castas, destes doentes sociais, manda construir prisões, faz deportações, aumenta a Penitenciária, prende os vadios, inventa o asilo, não lhe chegam os hospitais, amplia os manicómios, aumenta a polícia, e ainda agrava o seu maior crime, isto é, recruta mais desgraçados para meterem na ordem aqueles que viciou e os outros que se revoltam contra as instituições dominantes.

Esta perniciosa orientação do Estado burguês levá-lo há à ruína, à *débacle*. De dia para dia esta acutua-se duma maneira assombrosa. E mesmo impossível, dentro duma estrutura social colapsada, lembra-se que anda por um rapaz, que lhe pode ser útil e chama-o às fileiras!

## NÃO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Tragou vorazmente o conteúdo do prato, absorveu o derradeiro gole de vinho, arrecadou no bolso o resto do pão e pediu contas. A soma resultou baixa, e livre, pela sua pequenez, da aposição do selo. Apesar disso, foi necessário, para angariar as cédulas suficientes, que o homenzinho pesquiasse meticulosamente as algibeiras todas. Pagou, enfim. E ficou-se depois, de cotovels encostados à mesa, olhos no vazio, scismador e abstracto. Não era positivamente um velho. Quarenta anos, talvez. Mas estava acabado, e já se lhe reflectiam no rosto atreiguado uns traços acentuados de velhice. O trabalho gasta muito depressa as criaturas. A miséria faz o resto. E aí por volta dos quarenta, o máximo aos cinquenta anos, é-se um decrepito. Um magote de operários irrompeu no estabelecimento, e a animada conversa que entre eles mantinham girava em torno das condições de salário, cuja insuficiência se verberava. Uma e outra frase revelaram as tendências revolucionárias do grupo. Lá no seu canto, o velhote entrou a buscar de novo as algibeiras mas não conseguiu encontrar nelas quantia que bastasse a novos gastos. Entretanto, o grupo buliçoso dos recém-chegados discutia calorosamente um projecto de ataque ao patronato. O velho foi saindo pouco a pouco da sua abstracção, e entrou a dar fé de que dizia. A fisionomia contraiu-se-lhe num ar de manifesta desaprovacão. As palavras «igualdade» e «revolução social» foram pronunciadas no grupo. E logo o velho, monologando do seu canto: «Igualdades, igualdades... Espere por essa! Desde que me entendo sempre isto foi assim. E sempre assim será. Os do grupo não o ouviram. Mas o certo é que o trabalho, exercido em consecutivos anos de martírio, não envelhece somente: abastarda também, debilita a vontade e embota o raciocínio. Com que olhos poderão estes pobres farrapos humanos, que o salarizado assassinou intelectualmente e moralmente, admirar amanhã o rutilo esplendor da liberdade que se avizinha?

Quando do sítio dos prussianos a Paris, em 1870, Laisant era oficial, e foi um dos defensores da cidade, comandando o forte de Issy. Depois deixou a carreira militar, propoñdo-se em 1876 a deputado por Nantes, sendo eleito. Até 1893 fez parte do parlamento.

Conhecido da engenharia política, das intrigas e infâmias que se praticavam em nome do povo soberano, o seu grande carácter levou-o a renunciar ao parlamentarismo, nunca mais aceitando qualquer candidatura. Como era um patriota sincero, tomou uma parte muito activa no boulangismo, julgando encontrar satisfação ao seu sentimento.

Mas a obra da ciência e da educação reclamavam-no. Doutor em ciências, matemático da Escola Politécnica, dirigiu a revista *Enseignement Supérieur*, escreveu os volumes *A Educação fundada sobre a Ciência*, *O Ensino do cálculo*, destinado aos professores; *A Iniciação Matemática*, uma bela obra que está traduzida em português, e as brochuras *A Anarquia burguesa*, *A Educação de amanhã* e *A Ilusão parlamentar*.

Além destes trabalhos escreveu ainda *A Barbária Moderna*, em cujo prefácio explica as razões que o levaram a abandonar o parlamentarismo. Diz ele:

«Em 1876, entrava eu na câmara dos deputados, quasi no dia seguinte à guerra, à Comuna e à feroz reacção de que fora inspiradora a assembleia de Versalhes. Eu levava para o novo parlamento um patriotismo ardente, uma certa ideia numa desforça possível no futuro, e convicções apaixonadamente republicanas. Tinha-lhe as reformas julgava em que os representantes do povo, a grande maioria republicanos, iam estorçar-se por continuar pacificamente a obra da Revolução francesa, por melhorar progressivamente a sorte do povo, por derribar o edifício de iniquidade que a burguesia elevava. Antevia-o reduzido à impotência a feudalidade financeira e realizando enfim, por meio duma justiça social incessante, a unidade da grande família francesa.

Não foi preciso muito tempo para perder tam belas ilusões. Em volta de mim ouvia dizer e repetir que a República devia ser «um governo como os outros». E assim me provavam abundantemente com actos. Se eu tentava protestar, encolhiam os ombros com piedade, e chamavam-me politicamente ingenuo.

Eu é que não tinha razão, evidentemente. E rigorosamente exacto que a República é um governo como os outros. Nos dezasseis anos que passei no parlamento, só um ministério vi, sob muitos nomes diferentes; e esse ministério poderia ter igualmente servido a um Luís Filipe ou a um Napoleão III. O meu programa cabia numa palavra, numa só: «Reacção», a despeito de todas as hipocrisias de linguagem. Os seus actos eram inspirados pelo rastelo de cinza que para tratar assim o assunto melhor figura teria feito o órgão socialista, se houvesse recolhido a um prudente silêncio, como fez, por exemplo, quando o deputado Camozas apresentou o seu projecto sobre sindicalização obrigatória.

A mantença Os fabricantes e exportadores de mantença da ilha da Madeira representam ao governo no sentido de que lhes seja permitido exportar determinada quantidade de daquele produto para as colónias portuguesas em África.

Vai pras colónias porque rende mais e para nós... marginal

O problema da imprensa Procurando restringir o consumo do papel

BERLIM, 11.—Dizem de Copenhaga que a *Gazeta de Voss*, que o rei da imprensa americana Sr. Hearst chegou a Copenhaga, acompanhado por outros especialistas, a fim de discutir as medidas internacionais com o fim de restringir o consumo do papel.

Hearst disse que, se os jornais americanos conservarem o seu formato, a América desfar-se-á dos seus bosques num prazo de 25 anos. (Rádio)

Entretanto, o povo, torçoso é con-

signá-lo, não sentia a menor comoção à vista de tal espectáculo; com constante docilidade, voltava periodicamente às urnas, ao grito de «Viva a República!» dando a si mesmo novos anos e levando ao poder novos traidores.

Semelhante à mulher de Sgranello, parecia sentir um certo prazer em apañar pancada.

A falta de espaço impede-nos de prosseguir na transcrição; contudo, por este pedaço de prosa, os leitores poderão ter uma ideia da grande independência de carácter de Laisant, que era um homem probo, puro e de boa fé.

L'Humanité, falando de Laisant diz: «não é exagero afirmar que o que morreu com ele foi, talvez, o último republicano».

NOTAS & COMENTÁRIOS

Reformismo Continua O Combate a sustentar impudicamente

te que a sua nova tática não é reformista, mas sim tudo quanto há de mais revolucionário.

E tam pobresinho de ideias se mostra que para provar que não é reformista... diz simplesmente que o não é. Está certo...

Fósforos Já começaram os honrados comerciantes a assambarcar os fósforos, só por saberem que estes vão aumentar.

Que dirá a isto certa pessoa com falta de fósforo e pequena estatura que anda por aí às apalpadelas?

Prosperidade... Na recebedoria do 4.º bairro deram

entrada as quantias de 5.954.900 de 827 passaportes tirados no governo civil durante o mês de Abril último e 221.500 de 221 vistos em idênticos documentos.

Estes números atestam a saciedade a prosperidade deste país, cujos habitantes vão procurar noutros lados o pão que aqui não encontram.

E segue Sem opor qualquer objecção seria aos ligeiros reparos que ontem aqui fizemos por

em vez de, como seria lógico, chamar o P. S. P. a quebrar lanças pela lei dos seguros sociais obrigatórios, convidar a fazer-lo a organização operária, o órgão socialista, que decididamente quer conversar e não bem sabemos porque e exactamente por o sabermos é que lhe não fazemos a vontade—volve a convidar-nos, com os ares pimponecos que lhe são próprias, a que digamos coisas sobre aquela lei.

Possível é que já o tivéssemos feito, se o órgão socialista ocultasse esse desejo. Dada, porém, a sua singular insistência, e só porque folgamos em arreliá-lo, limitamo-nos a vê-lo discutir aquela coisa, embora o tenha feito de modo assaz pitoresco, o que quer dizer que para tratar assim o assunto melhor figura teria feito o órgão socialista, se houvesse recolhido a um prudente silêncio, como fez, por exemplo, quando o deputado Camozas apresentou o seu projecto sobre sindicalização obrigatória.

Os fabricantes e exportadores de mantença da ilha da Madeira representam ao governo no sentido de que lhes seja permitido exportar determinada quantidade de aquele produto para as colónias portuguesas em África.

Vai pras colónias porque rende mais e para nós... marginal

O problema da imprensa Procurando restringir o consumo do papel

BERLIM, 11.—Dizem de Copenhaga que a *Gazeta de Voss*, que o rei da imprensa americana Sr. Hearst chegou a Copenhaga, acompanhado por outros especialistas, a fim de discutir as medidas internacionais com o fim de restringir o consumo do papel.

Hearst disse que, se os jornais americanos conservarem o seu formato, a América desfar-se-á dos seus bosques num prazo de 25 anos. (Rádio)

Entretanto, o povo, torçoso é con-

## A FRANÇA AGITADA PROSSEGUEM AS GREVES

A C. G. T. convida mais corporações a lançarem-se na greve

PARIS, 10.—A Confederação Geral do Trabalho resolveu a greve imediata dos electricistas, esperando arrastar no movimento os transportes. —HAVAS

Em Lille, os metalúrgicos, os operários da construção civil e os electricistas abandonam o trabalho

PARIS, 10.—A situação da greve nos portos não apresenta alterações. Assim, a greve no Havre um certo regresso ao trabalho. Em Pas de Calais metade dos mineiros trabalham. Na bacia do Norte trabalham 12.000 dos 13.000 mineiros. Em Auzin, 20 %; em Bruay, 50 %; em Marles, 40 %; em Bethune, 25 %.

A situação permanece inalterável na bacia mineira do Loire, com regresso parcial ao trabalho em Aveiron. Os metalúrgicos da região de Lille abandonaram o trabalho, bem como os operários da construção civil e o pessoal dos electricistas.

HAVAS Em Paris, o pessoal do Metropolitano vota a greve

PARIS, 11.—O pessoal das secções greve na sua reunião de ontem à noite. HAVAS

A linguagem governamental parece-se com esta...

PARIS, 11.—Desde que a orientação da Federação dos Ferrovários começou sendo revolucionária, o número de demissões de sindicalistas eleva-se a 300.000. Desde o começo da actual greve tem-se acentuado o número de demissões. Actualmente os operários filiados na

Federação, só representam a terça parte do pessoal de todas as redes.

Em muitos centros constituíram-se novos sindicatos, que se colocam unicamente no terreno profissional, quer dizer legal.

Rádio A despeito da grande agitação actual, a C. G. T. prepara uma conferência

PARIS, 11.—A C. G. T. prepara uma conferência económica para 16 e 17 do corrente. —HAVAS.

A morte de Laisant

Faleceu no dia 5, em Asnières, França, na idade de 79 anos, este homem illustre pela ciência e pelo seu grande carácter.

C. A. Laisant nasceu em Nantes, em 1841; depois dos estudos preliminares, entrou na Politécnica, seguindo a arma de engenharia.

Quando do sítio dos prussianos a Paris, em 1870, Laisant era oficial, e foi um dos defensores da cidade, comandando o forte de Issy. Depois deixou a carreira militar, propoñdo-se em 1876 a deputado por Nantes, sendo eleito. Até 1893 fez parte do parlamento.

Conhecido da engenharia política, das intrigas e infâmias que se praticavam em nome do povo soberano, o seu grande carácter levou-o a renunciar ao parlamentarismo, nunca mais aceitando qualquer candidatura. Como era um patriota sincero, tomou uma parte muito activa no boulangismo, julgando encontrar satisfação ao seu sentimento.

Mas a obra da ciência e da educação reclamavam-no. Doutor em ciências, matemático da Escola Politécnica, dirigiu a revista *Enseignement Supérieur*, escreveu os volumes *A Educação fundada sobre a Ciência*, *O Ensino do cálculo*, destinado aos professores; *A Iniciação Matemática*, uma bela obra que está traduzida em português, e as brochuras *A Anarquia burguesa*, *A Educação de amanhã* e *A Ilusão parlamentar*.

Além destes trabalhos escreveu ainda *A Barbária Moderna*, em cujo prefácio explica as razões que o levaram a abandonar o parlamentarismo. Diz ele:

«Em 1876, entrava eu na câmara dos deputados, quasi no dia seguinte à guerra, à Comuna e à feroz reacção de que fora inspiradora a assembleia de Versalhes. Eu levava para o novo parlamento um patriotismo ardente, uma certa ideia numa desforça possível no futuro, e convicções apaixonadamente republicanas. Tinha-lhe as reformas julgava em que os representantes do povo, a grande maioria republicanos, iam estorçar-se por continuar pacificamente a obra da Revolução francesa, por melhorar progressivamente a sorte do povo, por derribar o edifício de iniquidade que a burguesia elevava. Antevia-o reduzido à impotência a feudalidade financeira e realizando enfim, por meio duma justiça social incessante, a unidade da grande família francesa.

Não foi preciso muito tempo para perder tam belas ilusões. Em volta de mim ouvia dizer e repetir que a República devia ser «um governo como os outros». E assim me provavam abundantemente com actos. Se eu tentava protestar, encolhiam os ombros com piedade, e chamavam-me politicamente ingenuo.

Eu é que não tinha razão, evidentemente. E rigorosamente exacto que a República é um governo como os outros. Nos dezasseis anos que passei no parlamento, só um ministério vi, sob muitos nomes diferentes; e esse ministério poderia ter igualmente servido a um Luís Filipe ou a um Napoleão III. O meu programa cabia numa palavra, numa só: «Reacção», a despeito de todas as hipocrisias de linguagem. Os seus actos eram inspirados pelo rastelo de cinza que para tratar assim o assunto melhor figura teria feito o órgão socialista, se houvesse recolhido a um prudente silêncio, como fez, por exemplo, quando o deputado Camozas apresentou o seu projecto sobre sindicalização obrigatória.

A mantença Os fabricantes e exportadores de mantença da ilha da Madeira representam ao governo no sentido de que lhes seja permitido exportar determinada quantidade de aquele produto para as colónias portuguesas em África.

Vai pras colónias porque rende mais e para nós... marginal

O problema da imprensa Procurando restringir o consumo do papel

BERLIM, 11.—Dizem de Copenhaga que a *Gazeta de Voss*, que o rei da imprensa americana Sr. Hearst chegou a Copenhaga, acompanhado por outros especialistas, a fim de discutir as medidas internacionais com o fim de restringir o consumo do papel.

Hearst disse que, se os jornais americanos conservarem o seu formato, a América desfar-se-á dos seus bosques num prazo de 25 anos. (Rádio)

Entretanto, o povo, torçoso é con-

signá-lo, não sentia a menor comoção à vista de tal espectáculo; com constante docilidade, voltava periodicamente às urnas, ao grito de «Viva a República!» dando a si mesmo novos anos e levando ao poder novos traidores.

Semelhante à mulher de Sgranello, parecia sentir um certo prazer em apañar pancada.

A falta de espaço impede-nos de prosseguir na transcrição; contudo, por este pedaço de prosa, os leitores poderão ter uma ideia da grande independência de carácter de Laisant, que era um homem probo, puro e de boa fé.

L'Humanité, falando de Laisant diz: «não é exagero afirmar que o que morreu com ele foi, talvez, o último republicano».

NOTAS & COMENTÁRIOS

Reformismo Continua O Combate a sustentar impudicamente

te que a sua nova tática não é reformista, mas sim tudo quanto há de mais revolucionário.

E tam pobresinho de ideias se mostra que para provar que não é reformista... diz simplesmente que o não é. Está certo...

Fósforos Já começaram os honrados comerciantes a assambarcar os fósforos, só por saberem que estes vão aumentar.

Que dirá a isto certa pessoa com falta de fósforo e pequena estatura que anda por aí às apalpadelas?

Prosperidade... Na recebedoria do 4.º bairro deram

entrada as quantias de 5.954.900 de 827 passaportes tirados no governo civil durante o mês de Abril último e 221.500 de 221 vistos em idênticos documentos.

Estes números atestam a saciedade a prosperidade deste país, cujos habitantes vão procurar noutros lados o pão que aqui não encontram.

E segue Sem opor qualquer objecção seria aos ligeiros reparos que ontem aqui fizemos por

em vez de, como seria lógico, chamar o P. S. P. a quebrar lanças pela lei dos seguros sociais obrigatórios, convidar a fazer-lo a organização operária, o órgão socialista, que decididamente quer conversar e não bem sabemos porque e exactamente por o sabermos é que lhe não fazemos a vontade—volve a convidar-nos, com os ares pimponecos que lhe são próprias, a que digamos coisas sobre aquela lei.

Possível é que já o tivéssemos feito, se o órgão socialista ocultasse esse desejo. Dada, porém, a sua singular insistência, e só porque folgamos em arreliá-lo, limitamo-nos a vê-lo discutir aquela coisa, embora o tenha feito de modo assaz pitoresco, o que quer dizer que para tratar assim o assunto melhor figura teria feito o órgão socialista, se houvesse recolhido a um prudente silêncio, como fez, por exemplo, quando o deputado Camozas apresentou o seu projecto sobre sindicalização obrigatória.

Os fabricantes e exportadores de mantença da ilha da Madeira representam ao governo no sentido de que lhes seja permitido exportar determinada quantidade de aquele produto para as colónias portuguesas em África.

Vai pras colónias porque rende mais e para nós... marginal

O problema da imprensa Procurando restringir o consumo do papel

BERLIM, 11.—Dizem de Copenhaga que a *Gazeta de Voss*, que o rei da imprensa americana Sr. Hearst chegou a Copenhaga, acompanhado por outros especialistas, a fim de discutir as medidas internacionais com o fim de restringir o consumo do papel.

Hearst disse que, se os jornais americanos conservarem o seu formato, a América desfar-se-á dos seus bosques num prazo de 25 anos. (Rádio)

Entretanto, o povo, torçoso é con-

O QUE SE VÊ  
—E O  
QUE SE OUVÊ

## O misterioso desconhecido

Anatomia de um agente da segurança do Estado

Éramos quatro: eu, o Teles, o Costa e o magríssimo do Pereira.

Os três últimos, é claro, ficaram com os seus apêlidos. Crisimei-os para evitar futuros e inexoráveis complicações com o misterioso desconhecido.

Durante o dia, apesar de juntos, não conseguimos afastar esse ar mazombico, que, não sei porque estranho fenómeno, invade quasi sempre o domingo passeante.

Creio até que nos excedemos, porque um de nós queixava-se de enxaquecas e um outro ainda choramingava não poder ouvir boa música, porque o fato lhe gritava que, se o fizesse, o criado o recambiaria para a borda do passeio, com gáudio de uns burguezotes, que ririam muito do pobre diabo, insensível às manifestações da arte transcendental.

Com o vir da noite, porém, as nossas alminhas desforçaram-se. O que nós rimos! Entrámos num café e abancámos. Caras amigas, de todas as mesas, sorriram-nos, e outras, na pessoa dos seus possuidores, vieram até nós com intuitos camaradísticos, e floaria deserto a mesa como um cacho se o endiabrado Teles não ciessse numa gravidade a que não resistiria o mais sádico:

—Ehl... Alto!... Aqui só tomam assento os corajosos!... E mais alto: Nós vamos aqui, somente os quatro, estebelec uma complicada rede de uma terrível conspiração, que terá por fim...

—Quatro cafés!... interrompi eu, chamando o criado.

—Imprudente... —berrou o Teles. —Se fôssemos agora todos presos!...

E tomou uma tam cômica expressão de terror que definitivamente nos vingou de mazombice de até então.

Claro, a facecia, longe de evitar a aglomeração, ainda mais a atraiu. Vieram os cafés. A conversa generalizou-se até fundir-se numa grialhada de vozes, e já estávamos todos identificados com aquela ruidosa confusão, quando senti uma cotovelada no braço e uma voz ciciar-me:

—Conheces quem está ali deiron-te?.. Repara bem...

Diminui a acção dos grulhas e algumas vozes precizaram-se:

—O quê?... Onde?... Ali em frente!...

E logo outras:

—É uma cara estranha!

—Misterioso! —alvitrou o Teles.

—Terrível! —acrescentou o Costa.

—Significativo! —sentenciou o Pereira.

—Boa para estudol! —propuz eu.

—Aprovadol! —beraram uns poucos.

E, depois de contermos as gargalhadas dissimuladamente, entrámos a fitar o homem.



Associação de Classe dos Chavilares

Por deliberação da assembleia geral de 7 do corrente é convocada uma assembleia magna que terá lugar na sede desta Associação, Largo de S. Domingos, n.º 11, 2.º, no dia 14, pelas 21 ho-

De frente do Chafariz

**Capital garantido**

É aquele que se emprega

102 Em ações da

COMPANHIA GERAL

**COMPANHIA GERAL  
DE CAMIONAGENS**  
Cujos materiais o representa  
**SOLIDAMENTE**  
Está aberta a subscrição  
para as ações liberadas de  
**DEZ ESCUDOS**  
Na sede provisória:  
**Calçada do Ferrel 15**

:: LISBOA ::  
 Nota: Os Srs. Assistentes

terão a preferência na utilização dos CAMIONS que começam hoje a trabalhar.

---



Vapor BOLAMA

Por motivo de força maior, a saída deste vapor indicada para 10 do corrente, foi transferida para 10 de Junho.

**Companhia Nacional de Navegação**  
Em Lisboa, Rua do Comércio, 85.  
No Porto, Rua da Nova Alfândega, 34.

**Seguro obrigatório**  
O *Diário do Governo* de 22 de Novembro de 1919 publica o modelo da caderheta profissional, que todos os patrões são obrigados a fornecer a todo o seu pessoal, em conformidade com a nova lei

**A MUNDIAL**, a fim de facilitar aos seus segurados o cumprimento da nova lei, fornece gratuitamente as referidas cadernetas.

Pedidos das cadernetas bem como dos exemplares da nova lei à



**A MUNDIAL**  
COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL, 500.000\$00  
RESERVAS: 405:402\$76,7

Sede em Lisboa—Rua Garrett, 95  
Telefone 4084

Delegação no Porto—Rua Sá da  
Bandeira, 331, 1.º

de Papel  
Gois  
Gotam-Gois  
idade de papeis de em-  
pinhos, mantelgueiro,  
quilos, assis

...quines, escrita, impres-  
s e carta, bem como  
especial

**autados**

ario geral  
s REIS  
oa—Telefone C. 4.317  
lega, Porto — Tel. 2.192

